

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Fifth Gospel*

Autor: *Ian Caldwell*

Copyright © Ian Caldwell 2015

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 406 254/16

1.ª edição, Lisboa, abril, 2016

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

NOTA HISTÓRICA

HÁ DOIS MIL ANOS, dois irmãos partiram da Terra Santa para espalharem o evangelho cristão. São Pedro foi para Roma, tornando-se o fundador simbólico do cristianismo ocidental. O seu irmão, Santo André, foi para a Grécia, tornando-se um dos fundadores simbólicos do cristianismo oriental. Durante vários séculos, a Igreja que ajudaram a criar manteve-se como uma instituição única. Mas há mil anos o Oriente e o Ocidente dividiram-se. Os cristãos ocidentais tornaram-se católicos, dirigidos pelo sucessor de São Pedro, o papa. Os cristãos orientais tornaram-se ortodoxos, liderados pelos sucessores de Santo André e outros apóstolos, conhecidos como patriarcas. Hoje em dia, são estas as principais designações de cristãos em todo o mundo. Entre eles existe um pequeno grupo, conhecido como católicos orientais, que ignora todas as distinções e segue as tradições orientais ao mesmo tempo que obedece ao papa.

Este romance situa-se em 2004, quando o desejo do papa João Paulo II no seu leito de morte era voltar a unir o catolicismo e a Igreja Ortodoxa. É a história de dois irmãos, ambos sacerdotes católicos, um no Ocidente e o outro no Oriente.

PRÓLOGO

O MEU FILHO é demasiado novo para compreender o que é o perdão. O facto de ter crescido em Roma fê-lo ficar com a ideia de que é uma coisa muito fácil: há sempre uma fila enorme de pessoas para se confessarem na Basílica de São Pedro, e as luzes vermelhas dos confessionários estão sempre a acender-se e a apagar-se, o que significa que os sacerdotes lá dentro estão despachados de um pecador e prontos para o seguinte. O meu filho acha que as consciências não devem ficar tão sujas como os quartos ou os pratos, porque demoram muito menos tempo a limpar. Por isso, quando fica demasiado tempo a tomar banho, quando deixa os brinquedos no caminho ou quando vem da escola com as calças sujas de lama, Pedro pede logo perdão. É tão rápido a dar desculpas como o papa a dar a bênção. O meu filho anda há dois anos a atrasar a sua primeira confissão. E tem boas razões para isso.

Nenhuma criança pequena consegue compreender o que é o pecado. A culpa. A absolvição. Um padre consegue perdoar tão depressa um desconhecido que, para um miúdo, é difícil imaginar a dificuldade que, um dia mais tarde, terá em perdoar os seus próprios inimigos. Ou as pessoas que ama. Não tem a menor ideia de que, por vezes, os homens bons não conseguem perdoar-se a si próprios. Os piores erros podem ser perdoados, mas não podem ser desfeitos. Espero que o meu filho seja alheio a esses pecados ainda mais do que eu e o meu irmão fomos.

Nasci para ser padre. O meu tio é padre; o meu irmão mais velho, Simão, é padre; e espero que um dia Pedro também seja padre. Não me lembro de alguma vez ter vivido fora do Vaticano. E Pedro sempre viveu lá.

Aos olhos do mundo, existem dois Vaticanos. Um é o sítio mais maravilhoso que existe ao cimo da Terra: o templo da arte e o museu da fé. O outro é a fábrica de salsichas do catolicismo, um país de padres velhos que andam sempre a apontar um dedo ameaçador. Parece impossível que uma criança tenha crescido em qualquer um desses locais. No entanto, o nosso país está cheio de crianças. Toda a gente tem filhos: os jardineiros do papa, os membros da Guarda Suíça do papa. Quando eu era pequeno, o papa João Paulo defendia que toda a gente devia ter um salário que lhe permitisse viver e, por isso, aumentava sempre o ordenado às famílias que tinham mais uma boca para alimentar. Brincávamos às escondidas nos jardins dele, jogávamos futebol com os meninos do coro e *flippers* por cima da sacristia da basílica. Apesar de contrariados, íamos com as nossas mães às compras ao supermercado e ao centro comercial do Vaticano, e com os nossos pais à bomba de gasolina e ao banco do Vaticano. O nosso país era pouco maior do que um campo de golfe, mas fazíamos tudo o que a maioria das crianças faz. Eu e Simão éramos felizes. Normais. Só éramos diferentes das outras crianças do Vaticano numa coisa: o nosso pai era padre.

O meu pai pertencia à Igreja Ortodoxa e não à Igreja Católica Romana, o que significava que tinha uma barba comprida e uma sotaina diferente, que celebrava uma coisa chamada «liturgia divina» em vez de «missa» e que tinha sido autorizado a casar-se antes de ser ordenado. Costumava dizer que nós, os membros da Igreja Ortodoxa, éramos embaixadores de Deus, intermediários capazes de voltar a unir os católicos e os ortodoxos. A verdade é que ser ortodoxo é mais ou menos como ser um refugiado que se encontra numa fronteira entre superpotências hostis. O meu pai tentava esconder o sofrimento que isto lhe causava. Havia mil milhões de católicos romanos no mundo e só alguns milhares de ortodoxos do nosso tipo, e, por isso, ele era o único sacerdote casado num país dirigido por celibatários. Durante trinta anos, os outros sacerdotes do Vaticano olharam-no com

sobranceria sempre que tinha de se relacionar com eles. Só mesmo no fim da sua carreira é que foi promovido, e foi uma daquelas promoções que vêm acompanhadas por anjinhos e uma harpa.

A minha mãe morreu pouco depois. De cancro, disseram os médicos. Mas eles não perceberam. Os meus pais casaram-se nos anos sessenta, num impulso repentino, num tempo em que parecia que tudo era possível. Costumavam dançar um com o outro em nossa casa. A experiência dessa época irreverente fazia com que continuassem a rezar juntos e com muita convicção. A família da minha mãe era católica e há mais de um século que tinha sacerdotes nos lugares mais importantes do Vaticano. Por isso, quando ela se casou com um grego guedelhudo, renegaram-na. Depois de o meu pai ter morrido, ela disse-me que era uma sensação estranha continuar a ter mãos sem ter ninguém que as agarrasse. Eu e Simão sepultámo-la numa campa ao lado do meu pai, atrás da igreja paroquial do Vaticano. Não me lembro de quase nada desse tempo. Só que faltava à escola dia após dia para ir sentar-me no cemitério, com os braços à volta dos joelhos e a chorar. Até que Simão aparecia lá, não sei bem como, e me levava para casa.

Como éramos adolescentes, ficámos ao cuidado do nosso tio, um cardeal do Vaticano. A melhor maneira de descrever o tio Lucio é dizendo que ele tinha um coração de menino, que guardava num copo ao pé da dentadura. Sendo cardeal-presidente do Vaticano, Lucio tinha dedicado os melhores anos da sua vida a equilibrar o orçamento nacional e a impedir que os funcionários do Vaticano criassem um sindicato. Em termos económicos, opunha-se à ideia de recompensar as famílias por terem mais filhos e, por isso, mesmo que tivesse tempo para criar os filhos órfãos da irmã, provavelmente ter-se-ia oposto por princípio. Não levantou quaisquer obstáculos quando eu e Simão voltámos para a casa dos nossos pais, decididos a viver sozinhos.

Eu ainda era demasiado novo para trabalhar e, por isso, Simão deixou a universidade durante um ano e arranjou um emprego. Nenhum de nós sabia cozinhar, nem coser, nem arranjar um autoclismo, e, por isso, Simão teve de aprender sozinho. Era ele que me acordava para ir para a escola e me dava dinheiro para o almoço. Garantia-me roupa lavada e comida quente. Foi com ele que aprendi a ser menino do coro.

Qualquer rapaz católico, nas piores noites da sua vida, vai para a cama a pensar se animais como nós merecem a terra com que Deus nos criou. Mas na minha vida, mesmo nos piores momentos, Deus tinha-me dado Simão. Não vivemos a nossa infância juntos. Ele viveu-a sempre comigo às costas. Sempre senti que a minha dívida para com ele era demasiado grande para ser paga. Só podia ser perdoada. Teria feito tudo o que pudesse fazer por ele.

Mesmo tudo.

CAPÍTULO 1

— O TIO SIMÃO está atrasado? — pergunta Pedro.

A nossa governanta, a irmã Helena, deve estar a pensar o mesmo ao olhar para a panela onde a pescada para o nosso jantar vai cozendo mais do que o necessário. Passam dez minutos da hora a que o meu irmão disse que chegaria.

— Esquece isso — respondo-lhe. — Ajuda-me a pôr a mesa.

Pedro ignora-me. Põe-se de joelhos em cima da cadeira e anuncia:

— Eu e o Simão vamos ver um filme, e depois vou mostrar-lhe o elefante no Bioparco, e ele vai ensinar-me a fazer um *bat trick*.

A irmã Helena dá um passo lento à frente do fogão. Pensa que um *bat trick* é um passo de dança. Pedro fica horrorizado. Levanta uma mão no ar, numa atitude de feiticeiro a fazer magia, e diz:

— Não! É marcar três golos! Como faz o Ronaldo.

Simão vem de avião da Turquia para Roma por causa de uma exposição de arte cujo curador é um dos nossos amigos comuns, Ugo Nogara. A inauguração, daqui a pouco mais de uma semana, vai ser uma cerimónia oficial para a qual eu próprio não quereria um bilhete se não fosse pelo trabalho que fiz com Ugo. Mas, nesta casa, vive-se no mundo de uma criança de cinco anos. O tio Simão voltou para dar lições de futebol.

— A vida não é só jogar à bola — diz a irmã Helena.

Chamou a si a tarefa de ser a voz feminina da razão. Quando Pedro tinha onze meses, a minha mulher, Mona, deixou-nos. Desde então, esta freira encantadora, já de idade, tem sido o meu apoio como pai.

Foi um empréstimo do tio Lucio, que tem batalhões delas à sua disposição, e custa-me imaginar o que seria de mim sem ela, pois não tenho dinheiro para pagar sequer o que uma adolescente de bom senso quereria ganhar. Felizmente, a irmã Helena nunca trocaria Pedro por nada neste mundo.

O meu filho desaparece para o quarto e volta com o despertador digital na mão. Com a determinação que herdou da mãe, põe-no em cima da mesa, à minha frente, e aponta.

— Querido — tranquiliza-o Helena —, se calhar o comboio do padre Simão atrasou-se.

O comboio. Não o tio. Porque seria difícil para Pedro compreender que às vezes Simão se esquece de comprar o bilhete ou fica absorvido em conversas com desconhecidos. Mona nem sequer aceitou pôr o nome dele ao nosso filho, por o achar tão imprevisível. E, embora o meu irmão tenha o lugar mais prestigioso que um jovem sacerdote pode ansiar por ter — é diplomata da Secretaria de Estado da Santa Sé, a elite da nossa burocracia católica —, a verdade é que o trabalho dele é bastante esgotante. Como todos os homens do lado materno da nossa família, Simão é sacerdote da Igreja Católica, o que significa que nunca se casará nem terá filhos. E, ao contrário dos outros padres do Vaticano, que foram feitos para estar sentados à secretária a engordar, ele é uma pessoa cheia de interrogações. Deus abençoe Mona, que queria que o nosso filho sáísse ao seu pai — previsível, pachorrento e satisfeito. E, por isso, eu e ela assumimos um compromisso quando escolhemos o nome dele: nos Evangelhos, Jesus encontra um pescador chamado Simão e dá-lhe o nome de Pedro.

Pego no telemóvel e mando uma mensagem para Simão — «Já estás a chegar?» — enquanto Pedro inspeciona o conteúdo da panela da irmã Helena.

— Pescada é peixe — anuncia ele, a propósito de nada. Está na fase das classificações. Além disso, detesta peixe.

— O Simão adora este prato — digo-lhe. — Costumávamos comer isto quando éramos pequenos.

Na verdade, eu e Simão comíamos bacalhau e não pescada. Mas o ordenado de um padre solteiro não dá para muito na banca do peixe. E, como Mona me recordava muitas vezes quando estava a planear

refeições como esta, o meu irmão — que tem quase mais meio metro do que qualquer outro padre que viva dentro destes muros — come o mesmo que dois homens normais.

Neste momento, estou a pensar em Mona mais do que o habitual. A chegada do meu irmão parece vir sempre acompanhada pela sombra da partida da minha mulher. São os polos magnéticos da minha vida; cada um deles está sempre à espreita na sombra do outro. Eu e Mona conhecemo-nos ainda crianças dentro dos muros do Vaticano e, quando tornámos a encontrar-nos em Roma, tivemos a sensação de que tinha sido uma dádiva de Deus. Mas tínhamos um problema de prioridades — os sacerdotes da Igreja Ortodoxa têm de se casar antes de serem ordenados porque, se não for assim, já não podem casar-se — e, olhando agora para trás, talvez Mona precisasse de mais tempo para se preparar. A vida de uma mulher casada não é fácil no Vaticano. A vida da mulher de um sacerdote é ainda mais difícil. Mona continuou a trabalhar a tempo inteiro quase até ao dia em que deu à luz o nosso bebé de olhos azuis, que comia como um tubarão e dormia ainda menos. Mona dava-lhe tantas vezes de mamar que eu costumava encontrar o frigorífico vazio devido às tentativas dela de se reabastecer.

Só mais tarde é que comecei a perceber tudo. O frigorífico estava vazio porque ela tinha deixado de ir ao supermercado. Eu não tinha reparado nisso porque ela também tinha desistido de comer refeições normais. Rezava menos. Cantava menos para Pedro. Depois, três semanas antes do primeiro aniversário do nosso filho, desapareceu. Descobri um frasco de comprimidos escondido debaixo de uma caneca no fundo de um armário. Um médico dos Serviços de Saúde do Vaticano explicou-me que ela andava há muito tempo a tentar vencer uma depressão. Não podemos deixar de ter esperança, disse-me ele. Por isso, eu e Pedro ficámos à espera de que Mona voltasse. Esperámos, esperámos...

Ele continua a jurar que se lembra dela. Mas, na verdade, as recordações que tem são apenas detalhes das fotografias que vê espalhadas pelo apartamento. Enriquece-as com conhecimentos que vai respigando em programas de televisão e anúncios de revistas. Ainda não reparou que as mulheres da Igreja Ortodoxa não usam batom nem

perfume. Infelizmente, a experiência dele com a Igreja parece ser a da Igreja Católica: quando olha para mim, o que vê é um padre solitário e celibatário. As contradições da sua própria identidade continuarão com ele no futuro. Mas está constantemente a evocar a mãe nas suas orações, e algumas pessoas dizem-me que João Paulo fazia o mesmo depois de ter ficado sem a mãe quando era ainda pequeno. De certa forma, esse pensamento reconforta-me.

Finalmente, o telefone toca. A irmã Helena sorri, enquanto me apresso a atendê-lo.

— Está lá?

Pedro observa-me, ansioso.

Estou à espera de ouvir os sons de uma estação de metropolitano ou, pior, de um aeroporto. Mas não é isso o que ouço. A voz do outro lado da linha é quase inaudível. Distante.

— Simão? És tu?

Ele não parece estar a ouvir-me. A ligação não está boa. Entendo isso como um sinal de que ele está mais perto de casa do que eu esperava. É difícil ter rede no Vaticano.

— Alex — ouço-o dizer.

— Sim?

Torna a falar, mas a linha está inundada de estática. Lembro-me de que talvez ele tenha feito um desvio para ir ao Museu do Vaticano para se encontrar com Ugo Nogara, que tem estado com dificuldade em aguentar a pressão de ter de acabar de preparar a sua enorme exposição. Embora eu jamais o dissesse a Pedro, seria típico do meu irmão arranjar mais uma alma para cuidar no caminho para nossa casa.

— Simão — digo. — Estás no museu?

Junto à mesa da sala de jantar, o *suspense* está a dar cabo de Pedro.

— Está com o Sr. Nogara? — pergunta ele em surdina a Helena.

Mas, do outro lado da linha, há qualquer coisa que muda. Ouve-se um silvo repentino que reconheço como sendo o vento a soprar. Simão está na rua. E, pelo menos aqui em Roma, está a trovejar.

Por um momento, a ligação fica boa.

— Alex, preciso que venhas buscar-me.

A voz dele faz-me sentir um arrepio desconfortável na espinha.

— O que é que aconteceu? — pergunto-lhe.

— Estou em Castel Gandolfo. Nos jardins.

— Não estou a perceber — digo-lhe. — O que estás aí a fazer? Torno a ouvir o vento, e há um som estranho que se escapa do auricular. Parece que o meu irmão está a gemer.

— Por favor, Alex — pede ele. — Vem já. Estou... estou ao pé do portão do lado leste, mais abaixo da casa. Tens de chegar cá antes da polícia.

O meu filho está imóvel, a olhar fixamente para mim. Vejo o guardanapo de papel escorregar-lhe do colo e esvoaçar como se fosse o solidéu branco do papa apanhado pelo vento. A irmã Helena também está a observar-me.

— Não saias daí — digo a Simão. E volto-me, para que Pedro não consiga ver a expressão que sei que tenho nos olhos. Porque o som que deteto na voz do meu irmão sugere algo que não me lembro de alguma vez ter ouvido. Medo.

CAPÍTULO 2

VOU PARA CASTEL Gandolfo, sempre fustigado pela tempestade que se dirige para norte. A chuva parece encolerizada, saltando nas pedras da calçada como pulgas. Quando chego à autoestrada, o para-brisas é um tambor tocado pelo céu. Dos dois lados, há carros a abrandar e a parar nas bermas. Quando, por fim, a constelação de luzes vermelhas desaparece, os meus pensamentos voltam de novo para o meu irmão.

Quando era novo, Simão era o tipo de miúdo capaz de subir a uma árvore para ir salvar um gato vadio. Uma noite, numa praia na Campânia, vi-o nadar por entre um cardume de alforrecas para ir buscar uma rapariga que tinha sido apanhada num redemoinho. Nesse inverno, tinha ele quinze anos e eu onze, fui ter com ele um dia à sacristia da Basílica de São Pedro, onde ele era menino do coro. Tínhamos combinado que ele me levaria à cidade para cortar o cabelo, mas, quando íamos a sair da basílica, um pássaro entrou por uma janela da cúpula, a mais de sessenta metros de altura, e ouvimos uma pancada quando ele aterrou no varandim. Houve qualquer coisa dentro de Simão que o obrigou a ir ver o pássaro e, por isso, subimos seis milhões de degraus e, no cimo de tudo, chegámos a um rebordo de mármore que não tinha mais de uma unha de tamanho. Contornava num círculo o altar-mor, sem nada mais do que um pequeno corrimão entre nós e o ar. A pomba estava empoleirada nesse corrimão, saltitando em círculos e tossindo pequenas manchas de sangue. Simão andou até ficar junto dela e apanhou-a. Foi nessa altura que alguém gritou: «Pare! Não se debruce mais!»

Do outro lado da cúpula, estava um homem debruçado no corrimão. De repente, Simão desatou a correr para ele.

— Não, *Signore!* — gritou. — Não!

E, então, o homem passou a perna por cima da vedação.

— *Signore!*

Nem que Deus lhe tivesse dado asas Simão seria capaz de chegar lá a tempo. O homem debruçou-se para a frente e atirou-se. Vimolo cair do alto da basílica como se fosse um alfinete. Ouvi um guia turístico a dizer lá em baixo que tinham roubado bronze do Panteão ainda o homem ia a cair, agora mais pequeno do que uma pestana. Por fim, ouviu-se um grito e viu-se uma pequena explosão de sangue. Sentei-me. Tinha ficado sem força nas pernas. Não me lembro de ter voltado a mexer-me até Simão vir buscar-me.

Nunca percebi, durante a minha vida, por que razão Deus enviara um pássaro por aquela janela. Talvez fosse para ensinar a Simão como era a sensação de uma coisa a escapar-se-lhe por entre os dedos. O nosso pai morreu no ano seguinte e, por isso, talvez fosse uma lição que não podia esperar mais. Mas a última imagem que guardo na memória daquele dia, antes de os funcionários mandarem toda a gente sair rapidamente da igreja, é de Simão junto ao corrimão, de braços estendidos, petrificado, como que a tentar pôr a pomba outra vez no ar. Como se fosse algo tão fácil como pôr uma jarra numa prateleira.

Nessa tarde, os padres tornaram a consagrar a Basílica de São Pedro, como sempre fazem quando um peregrino se suicida. Mas ninguém pode voltar a consagrar uma criança.

Duas semanas depois, o maestro do coro deu uma bofetada num miúdo por estar a desafinar, e Simão saltou do sítio onde estava e deu uma bofetada ao maestro. Os ensaios do coro foram cancelados durante três dias, e os meus pais passaram esse tempo a tentar obrigar Simão a pedir desculpa. Ele, que tinha sido sempre um exemplo de obediência, disse que preferia desistir do coro a pedir desculpa. No mapa do caminho que nos levou a sermos os homens que somos, é naquele momento que localizo os alicerces. Tudo o que sei sobre o meu irmão surge decididamente a partir desse ponto.

A década que Simão viveu em Itália entre o início da licenciatura e o início do seu estágio como diplomata foi um tempo difícil.

As explosões de bombas e os assassínios a que tínhamos assistido durante a nossa infância tinham praticamente acabado, mas havia violentos protestos em Roma contra um governo corrupto, que estava a desmorronar-se sob o efeito da sua própria corrupção. Enquanto andou na universidade, Simão participou em todas as manifestações organizadas pelos estudantes. Durante o estágio, manifestou-se em solidariedade com os trabalhadores. Quando foi convidado para entrar no serviço diplomático, pensei que esses tempos tinham acabado. Até que, há três anos, João Paulo decidiu fazer uma visita à Grécia.

Era a primeira viagem de um papa à nossa terra natal em treze séculos, e os nossos concidadãos não estavam nada felizes com essa visita. Quase todos os gregos são ortodoxos, e João Paulo queria pôr fim ao cisma entre as nossas Igrejas. Mas o ódio é algo que o meu irmão nunca conseguia perceber. Herdámos do nosso pai uma imunidade quase protestante ao veredito da História. Os ortodoxos culpam os católicos de os maltratarem em todas as guerras desde as Cruzadas até à Segunda Guerra Mundial. Acusam os católicos de terem levado os ortodoxos a trocarem a sua Igreja ancestral por uma nova forma híbrida de catolicismo. Para alguns ortodoxos, a mera existência de católicos de rito oriental é uma provocação, mas Simão não conseguia perceber por que razão o seu próprio irmão, um sacerdote grego católico, não se encontraria com ele em Atenas durante a viagem.

Os problemas surgiram ainda antes da chegada de Simão. Quando se soube a notícia de que João Paulo iria tocar em solo helénico, os mosteiros ortodoxos gregos começaram a tocar os sinos como se alguém tivesse morrido. Centenas de ortodoxos saíram para a rua em protesto, com cartazes onde se lia «ARQUI-HERÉTICOS» e «MONSTRO DE DOIS CHIFRES DE ROMA». Os jornais traziam histórias de ícones sagrados que tinham começado a sangrar. Foi declarado um dia de luto nacional. Simão, que tinha preparado tudo para ficar instalado na casa anexa à antiga igreja católica grega do meu pai, deparou-se com as portas vandalizadas, pintadas com *spray* pelos reacionários ortodoxos. Além disso, segundo ele, a polícia também não tinha feito nada para o ajudar. O meu irmão tinha finalmente percebido quem eram as vítimas que tinha nascido para defender.

Nessa noite, um pequeno grupo de ortodoxos da linha dura invadiu a igreja e interrompeu a liturgia. Cometeram o enorme erro de tirar a sotaina ao sacerdote e pisar o antipêndio, o pano sagrado que transforma uma mesa num altar.

O meu irmão tem mais de um metro e oitenta de altura. O seu sentido de obrigação para com os fracos e indefesos é intensificado pelo facto de saber que é maior e mais forte do que qualquer outra pessoa que conheça. Simão tem uma vaga ideia de ter empurrado um cristão ortodoxo para fora da sacristia na tentativa de salvar o sacerdote católico grego. O homem diz que Simão o atirou pelo ar. A polícia grega acusa-o de ter partido o braço do homem. Simão foi preso. O seu novo patrão — a Secretaria de Estado da Santa Sé — teve de negociar o regresso imediato dele a Roma. Foi por isso que Simão não teve oportunidade de ver em primeira mão a forma como João Paulo lidou com as mesmas hostilidades, mas com muito mais sucesso.

Os bispos gregos ortodoxos fizeram questão de receber mal João Paulo. Ele não se queixou. Insultaram-no. Ele não se defendeu. Exigiram-lhe que pedisse desculpa por pecados da Igreja Católica de há séculos. E João Paulo, falando em nome de mil milhões de católicos vivos e de um número indeterminado de católicos mortos, pediu desculpa. Os ortodoxos ficaram de tal forma incrédulos que concordaram em fazer algo que sempre tinham recusado fazer até àquele momento: rezar ao lado dele.

Sempre esperei que o comportamento de João Paulo em Atenas fosse um corretivo para Simão. Mais uma lição enviada dos céus. Desde então, Simão é outro homem. É isso o que vou a repetir para mim próprio até à exaustão, durante a viagem de Roma para o coração da tempestade.

AO LONGE SURGE Castel Gandolfo: uma longa colina que emerge de uma estranha pradaria de campos de golfe e parques de carros usados, que abrem os arredores de Roma em direção a sul. Há dois mil anos, este local era o espaço de diversão dos imperadores.

Só há alguns séculos é que os papas começaram a passar aqui o verão, mas isso basta para que o local seja considerado uma extensão oficial do nosso país.

Depois de contornar a colina, vejo um carro-patrolha dos *carabinieri* — polícias italianos da esquadra que fica para lá da fronteira, a partilharem um cigarro, enquanto a tempestade continua a fustigar a zona. Mas as leis de Itália não se aplicam no local para onde vou. Não há qualquer sinal da polícia do Vaticano sob esta chuva inclemente, e a sua ausência permite que o peso que tenho no coração comece a aliviar.

Paro o meu *Fiat* no ponto em que a encosta da colina se perde no lago Albano e, antes de sair do carro, marco um número no telemóvel. Ao quinto toque, surge uma voz impaciente.

— *Pronto.*

— Guido Júnior? — pergunto.

— Quem fala? — resmungo ele.

— O Alex Andreou.

Guido Canali é um antigo conhecimento de infância, filho de um mecânico de turbinas do Vaticano. Num país onde a qualificação para a maioria dos empregos é o parentesco com outra pessoa que lá trabalhe, Guido não conseguiu um trabalho melhor do que recolher o estrume na vacaria pontifical no cimo da colina. Anda sempre à procura de qualquer coisa que lhe dê algum dinheiro. E, embora não seja por acaso que os nossos caminhos deixaram de se cruzar, neste momento sou eu que preciso de ajuda.

— Já não sou o Guido Júnior. O meu velho morreu no ano passado.

— Lamento muito.

— Eu também. A que se deve o telefonema?

— Estou em Castel Gandolfo e preciso de um favor. Importas-te de me abrir o portão?

Pelo tom de surpresa da sua voz, não faz a menor ideia da presença de Simão. Boas notícias. Negociamos um acordo: dois bilhetes para a próxima exposição, que Guido sabe que poderei arranjar através do tio Lucio. Até mesmo os que se orgulham da sua indiferença em relação a tudo o que acontece no país querem ver o que o meu amigo Ugo fez. Depois de desligar, continuo pelo trilho sombrio que sobe

a colina até ao nosso ponto de encontro, onde o vento se intensifica, soprando com aquele silvo agudo que ouvi como pano de fundo do telefonema de Simão.

Fico surpreendido — e, a princípio, até aliviado — por não deparar com quaisquer sinais de agitação. Sempre que, no passado, fui buscar o meu irmão à polícia, foi por ele ter andado no meio de uma confusão qualquer. Mas não vejo nenhuns habitantes da aldeia a fazerem piquetes na praça central, nem quaisquer funcionários do Vaticano a manifestarem-se por melhores salários. A residência de verão do papa, na extremidade norte da aldeia, parece abandonada. As duas cúpulas do Observatório do Vaticano erguem-se acima do telhado como os galos na cabeça das personagens dos desenhos animados que Pedro costuma ver na televisão. Não parece haver ali nada de errado. Nem sequer parece haver nada que se mexa.

Percorro o caminho particular que vai do palácio aos jardins papais e, ao chegar ao portão do jardim, vejo a ponta iluminada de um cigarro suspenso de uma mão escura.

— Guido?

— Que raio de horas para uma visita — diz a pessoa que está a segurar o cigarro e que, a seguir, o deixa cair para uma poça de água, onde se apaga. — Vem comigo.

Quando os meus olhos se ajustam à escuridão, vejo que ele é exatamente igual ao pai, Guido Sénior: cara grande e costas largas. O trabalho manual fez dele um homem. A lista telefónica do Vaticano está cheia de funcionários que eu e Simão conhecemos em crianças, mas eu e o meu irmão somos praticamente os únicos padres. Funciona ali um sistema de castas, onde os mais novos se orgulham de substituir os seus pais e avós, que, antes deles, poliam soalhos ou arranjavam móveis. No entanto, pode ser difícil ver antigos companheiros de brincadeira ascender a cargos superiores. Mas, na voz de Guido, há um tom familiar quando abre a fechadura metálica, aponta para a sua carrinha e diz:

— Entra, padre.

Estes portões destinam-se a manter os mirones lá fora, e as sebes destinam-se a evitar as suas espreitadelas. Para cada um dos lados do local onde nos encontramos estende-se uma aldeia italiana, mas,

do exterior, ninguém imagina que é assim. A encosta desta colina, com quase dois quilómetros de comprimento, é uma espécie de país das maravilhas do papa. A propriedade de Castel Gandolfo é maior do que o Vaticano no seu conjunto, mas ninguém lá vive a não ser alguns jardineiros e outros trabalhadores e, ainda, o velho astrónomo jesuíta, que dorme durante o dia. Os verdadeiros habitantes são as árvores de fruto envasadas, as alamedas de pinheiros-mansos, os canteiros floridos a perder de vista e as estátuas de mármore deixadas pelos imperadores pagãos, agora dispostas pelos jardins para darem a João Paulo um motivo para sorrir nas suas caminhadas. A vista daqui vai desde o lago até ao mar. Vamos descendo pelo caminho de gravilha sem avistar viva alma.

— Aonde é que querias ir? — pergunta Guido.

— Deixa-me nos jardins.

— Aqui no meio do nada? — diz, soerguendo uma sobranceira.

A tempestade continua violenta. A estranheza do meu pedido acicata-lhe a curiosidade, e Guido liga o rádio CB para ver se há alguma comunicação. Mas também o rádio está em silêncio.

— A minha miúda trabalha ali em baixo, nos olivais — explica Guido, levantando um dedo do volante para apontar.

Não digo nada. Costumo acompanhar os novos alunos do meu antigo seminário nas visitas a este local, pelo que, se fosse de dia, reconheceria muito melhor a paisagem. Mas, às escuras e sob uma chuva tão intensa, a única coisa que consigo ver é a parte do caminho iluminada pelos faróis.

— Ela dá-me conta do juízo — diz Guido, abanando a cabeça.

— Mas, Alex, tem cá um rabo! — Assobia.

Quanto mais nos afundamos por entre estas sombras, mais forte é a sensação que tenho de que há qualquer coisa de muito errado. Simão deve estar sozinho e à chuva. Ocorre-me, pela primeira vez, a possibilidade de ele estar ferido. De ter tido um acidente qualquer. Se bem que, quando falou comigo ao telefone, mencionou a polícia e não uma ambulância. Tento relembrar toda a conversa, à procura de alguma coisa que possa ter-me escapado.

A carrinha de Guido passa para a estrada que atravessa os jardins e chega à beira de uma clareira.

— Já chega — digo-lhe. — Fico por aqui.

Guido olha à sua volta.

— Aqui?

Mas já estou a descer.

— Não te esqueças da nossa combinação, Alex — diz em voz alta.
— Dois bilhetes para a noite de estreia.

Estou demasiado preocupado para lhe responder. Depois de Guido se ir embora, pego no telemóvel e ligo para Simão. A rede é tão má aqui que praticamente não se consegue fazer uma chamada. No entanto, por um breve instante, ouço outro telemóvel a tocar.

Caminho na direção do som, apontando a minha lanterna ao longe. Foram escavados na colina uma enorme escadaria e três terraços monolíticos num trajeto descendente até ao mar. Até os mais ínfimos recantos têm flores dispostas em círculos dentro de octógonos que, por sua vez, estão dentro de quadrados, sem que haja uma só pétala fora do sítio. O espaço aqui em cima é infinito, criando em mim uma terrível ansiedade.

No momento em que me preparo para gritar o nome de Simão por entre o vento, avisto qualquer coisa. Consigo distinguir uma vedação no terraço superior, que fica na extremidade leste da propriedade papal. A luz da lanterna incide sobre uma silhueta escura junto ao portão, alguém completamente vestido de preto.

O vento faz bater a bainha da minha sotaina à medida que vou correndo nessa direção. O chão é muito irregular: ora piso montes de lama, ora piso raízes de ervas espetadas no ar como se fossem patas de uma aranha.

— Simão! — grito. — Estás bem?

Ele não responde. Nem sequer se mexe.

Cambaleio em direção a ele, tentando equilibrar-me nas poças de lama. A distância entre nós vai-se encurtando. Mas Simão continua sem dizer nada.

Chego à frente dele. Do meu irmão. Pouso as mãos em cima dele e pergunto:

— Estás bem? Diz-me que estás bem.

Ele está encharcado e sem cor. O cabelo molhado está preso à testa como o de uma boneca. A sotaina preta está colada aos seus músculos

retesados como a pele de um cavalo de corrida. As batinas são as vestes antigas que todos os sacerdotes romanos outrora usavam, antes de ser implementada a moda das calças pretas e casacos pretos. Nesta escuridão e sobre a figura indefinida do meu irmão, a sotaina cria uma impressão quase macabra.

— O que é que aconteceu? — insisto, pois ele ainda não me respondeu.

Há uma expressão vaga e distante nos seus olhos, que fitam qualquer coisa que está no chão.

Vejo um casaco preto comprido caído na lama. O sobretudo de um padre romano. Uma *greca*, um nome devido à sua semelhança com a sotaina de um sacerdote da Igreja Grega — e, por baixo dela, um vulto.

Em nenhuma das coisas que imaginei relativamente a este momento podia conceber tal situação. Ao fundo do vulto vejo um par de sapatos.

— Meu Deus — murmuro. — Quem é?

A voz de Simão está tão presa que mal se ouve.

— Não consegui salvá-lo — responde.

— Não estou a perceber, Simão. Explica o que está a acontecer.

O meu olhar é atraído para os sapatos. São mocassins e, na sola de um deles, há um buraco. Cresce em mim um pressentimento, como se fosse uma unha a raspar os meus pensamentos.

Vejo alguns papéis que voaram para a vedação que separa a propriedade do papa da estrada no exterior. A chuva colou-os às barras de metal como papel-machê.

— Ele ligou-me — murmura Simão. — Percebi que ele estava em apuros. Vim assim que pude.

— Quem é que te ligou?

Mas o significado das palavras dele começa lentamente a tornar-se claro para mim. Já sei a origem daquele pressentimento. Aquele buraco na sola dos sapatos é-me familiar.

Dou um passo atrás. Sinto um aperto no estômago. Cerro os dedos.

— Como... como...? — gaguejo.

De repente, vejo luzes a avançarem na nossa direção pela estrada que atravessa os jardins. São aos pares e não são maiores do que berlindes. Quando se aproximam, transformam-se em sirenes da polícia.

Polícias do Vaticano.

Ajoelho-me, com as mãos a tremer. No chão, ao lado do corpo, está uma pasta aberta. O vento continua a levar os papéis que estavam lá dentro.

Os polícias começam a correr em direção a nós, gritando-nos ordens para que nos afastemos do corpo. Mas estendo o braço e faço aquilo que todos os meus instintos estão a pedir-me. Tenho de ver.

Quando afasto a *greca* de Simão, vejo os olhos do morto muito abertos, a boca torcida, a língua a empurrar a bochecha. Na cara do meu amigo há um esgar sombrio e, numa têmpora, um orifício escuro do qual sai uma massa de carne rosada.

O temor adensa-se. A mão de Simão está a puxar-me para trás.
— Afasta-te.

Mas não consigo tirar os olhos daquele corpo. Vejo os bolsos do casaco virados para fora e uma faixa de pele esbranquiçada no sítio donde foi tirado um relógio de pulso.

— Afaste-se, senhor padre — diz um dos polícias.

Volto-me, finalmente. A cara do polícia parece de couro. Pelos seus olhos pequenos e pelo seu cabelo branco, reconheço o inspetor Falcone, o chefe da polícia do Vaticano. O homem que vai sempre a correr ao lado do carro de João Paulo.

— Qual de vocês os dois é o padre Andreou? — pergunta.

Simão dá um passo em frente e diz:

— Somos os dois. Mas fui eu que o chamei.

Olho para o meu irmão, tentando perceber o sentido de tudo isto.

Falcone aponta para um dos seus agentes.

— Acompanhe o agente especial Bracco. Diga-lhe tudo o que viu.

Simão obedece. Mete a mão no bolso da *greca* e tira a carteira, o telefone e o passaporte, mas deixa o casaco aberto sobre o corpo. Antes de se afastar com o guarda, diz:

— Este homem não tem família. Quero ter a certeza de que tem um funeral condigno.

Falcone semicerra os olhos. É uma afirmação estranha. Mas, vinda de um padre, não a questiona.

— Conhecia este homem, padre?

Simão responde com uma voz débil.

— Era meu amigo. Chamava-se Ugolino Nogara.

CAPÍTULO 3

O POLÍCIA LEVA Simão para um local mais afastado para lhe fazer algumas perguntas, e eu fico a ver os outros polícias delimitarem a clareira. Um deles examina a vedação de mais de dois metros junto à via pública, tentando perceber como é que alguém de fora conseguiu entrar nestes jardins. Outro olha fixamente para uma câmara de vigilância instalada lá no alto. A maioria destes homens pertenceu noutros tempos à polícia urbana. À polícia de Roma. Podiam reparar que roubaram o relógio e a carteira a Ugo e que a sua pasta está escancarada, mas continuam a prestar atenção a alguns pormenores, dando a entender que há qualquer coisa que não bate certo.

As pessoas que vivem nestas colinas têm um amor desmedido pelo Santo Padre. Contam histórias de padres que lhes bateram à porta para terem a certeza de que todas as famílias tinham comida na mesa. Os mais idosos têm nomes inspirados no papa Pio XII, que protegeu as suas famílias dos perigos da guerra. Não são os muros que protegem este local, mas sim os aldeões. Parece praticamente impossível haver aqui um assalto.

— Está aqui uma arma! — grita um deles.

Está à entrada de um túnel, uma gigantesca calçada coberta construída para um imperador romano ir fazer as suas caminhadas depois das refeições. Outros dois polícias correm até à boca do túnel, guiados por outros tantos jardineiros. Ouço gemidos e uma coisa grande a cair. Mas o que a polícia encontrou não foi a arma de que andavam à procura.

— Falso alarme — diz um deles, com irritação.

Sinto um tremor no peito. Fecho os olhos. Sou invadido por uma onda de emoções. Já vi muitos homens morrerem. Costumava dar a extrema-unção aos moribundos no hospital onde Mona trabalhava como enfermeira. Rezava por eles. E, mesmo assim, tenho dificuldade em reprimir o que estou a sentir.

Um polícia caminha na minha direção, tirando fotografias às pedadas que estão na lama. Neste momento, os jardins estão cheios de polícias. Mas os meus olhos voltam-se para Ugo.

Que peso será este que sinto no coração? A exposição de Ugo irá torná-lo, agora postumamente, uma das figuras mais faladas de Roma, e eu poderei dizer que, de alguma forma, contribuí para isso. Mas o que me conquistou foram as feridas da sua batalha. Os óculos que nunca teve tempo para mandar arranjar. Os buracos na sola dos sapatos. Os constrangimentos que se evaporavam quando começava a falar do seu grande projeto. Até o seu alcoolismo neurótico e incurável. Não havia nada no mundo que lhe interessasse a não ser a sua exposição, à qual dedicava todos os pensamentos desde que acordava até adormecer. O futuro do projeto era a sua razão de viver. Percebo, finalmente, que é essa a causa do que estou a sentir. Ugo encarava essa exposição como se fosse um filho.

Simão volta, seguido pelo polícia que o interrogou. Os olhos do meu irmão estão perdidos e húmidos. Fico à espera de que ele diga qualquer coisa, mas é o polícia que acaba por falar.

— Já podem ir — diz. — Senhores padres.

Mas o saco mortuário tinha acabado de chegar. Nenhum de nós se mexeu. Dois polícias depositaram o corpo de Ugo no saco mortuário e puxaram-no dos lados para o tapar. O fecho de correr faz um barulho que parece veludo a rasgar-se. Preparam-se para o levar quando Simão diz:

— Parem!

Os polícias voltam-se.

Simão levanta a mão e profere:

— Senhor, inclinaí os Vossos ouvidos e escutai-nos.

Os polícias tornam a pousar o saco. Todas as pessoas que o ouvem — todos os polícias, todos os jardineiros, todos os homens de todas as castas — tiram os chapéus.